



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

BULLYING E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR

Michele Ziegler de Mattos

michelecefd@ibest.com.br

Angelita Alice Jaeger

angelufsm@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo do estudo é analisar as interfaces entre o Bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre os meninos e entre as meninas no Ensino Fundamental em uma escola na cidade de Santa Maria. Participaram do estudo 95 crianças de ambos os sexos de 4º a 8º série do ensino Fundamental. Foi utilizado o questionário “Violência entre Pares”, aferido para a população portuguesa no ano de 2006, e adaptado para este estudo. Os resultados demonstraram que o Bullying se destaca principalmente através de agressão verbal, sendo o recreio o local determinante para que estes atos de violência se propaguem. De acordo com as vítimas, os agressores são em sua maioria do sexo masculino, mais velhos e da mesma turma, costumam agir sozinhos. Os espectadores também presenciaram as agressões no recreio por agressores que agiram sozinhos. Já os agressores afirmaram agredir em sala de aula, onde os agredidos também são do sexo masculino. Revelou-se que os meninos são os principais protagonistas do Bullying seja como vítima, expectador ou agressor, porém as meninas também o praticam de maneira mais discreta e despercebida aos olhos dos outros.

PALAVRAS- CHAVE: Bullying, Gênero, Escola.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyze the interfaces between bullying and gender relations in the school context, identifying this manifestation among boys and among girls in elementary school in a school in Santa Maria. The study included 95 children of both sexes from 4 to 8th grade of elementary school. We used the questionnaire "Peer Violence", measured to the Portuguese population in 2006, and adapted for this study. The results showed that bullying is distinguished mainly by verbal aggression, and recreation place for determining that these acts of violence spread. According to victims, the perpetrators are mostly male, older and in the same class, tend to act alone. Viewers also saw the playground aggression by aggressors who acted alone. Have said the attackers aggression in the classroom, where assaulted are also male. Revealed that boys are the main players in bullying either as victim, perpetrator or bystander, but the girls also engage in a more quiet and unnoticed in the eyes of others.

PALAVRAS- CHAVE: Bullying, Gender, School.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar las interrelaciones entre la intimidación y las relaciones de género en el contexto escolar, la identificación de esta manifestación entre los niños y las niñas en la escuela primaria en una escuela de Santa María. El estudio incluyó a 95 niños de ambos sexos de 4 a 8 ° grado de la escuela primaria. Se utilizó el cuestionario de "violencia entre iguales", medida a la población portuguesa en 2006, y adaptado para este estudio. Los resultados mostraron que el bullying se caracteriza principalmente por la agresión verbal, y el lugar de recreación para la determinación de que estos actos de violencia se extendió. De acuerdo a las víctimas, los perpetradores son en su mayoría varones, mayores y en la misma clase, tienden a actuar en solitario. Los espectadores también vieron la agresión porque por los agresores, que actuó solo. Han dicho que la agresión de los atacantes en el aula, donde asaltado también son hombres. Reveló que los niños son los principales actores en el acoso, ya sea como víctima, agresor o espectador, pero las chicas también participan de una manera más tranquila y desapercibida a los ojos de los demás.

PALAVRAS- CHAVE: Intimidación, Género, Escuela.

INTRODUÇÃO

No processo de construção social, em uma dada cultura, homens e mulheres sofrem a interferência de inúmeras variáveis, que atuam moldando-lhes a assimilação de motivos, atitudes e comportamentos. Isso porque a sociedade como um todo não só espera que meninos e meninas se comportem de maneira diferente, mas constrói esse modelo mediante determinadas práticas. Nesse entendimento, o bebê, segundo o seu sexo biológico, já nasce sobre uma gama de expectativas de seus pais, que acabam por demarcar sua vida. Com isso a criança cresce, comportando-se de acordo com padrões socioculturais, em um contexto histórico, dentre os quais é educada.

Kunz (1996 apud ESTELIO, 2005) afirma que o fato de alguns meninos apresentarem melhor desempenho motor do que meninas, em determinadas práticas esportivas, por exemplo, pode ser justificado com base nessa construção cultural do corpo diferenciada. Os meninos desde cedo recebem uma estimulação que lhes favorece o melhor desenvolvimento das habilidades motoras amplas, o mesmo não ocorrendo com as meninas, que são estimuladas para tarefas mais delicadas.

Osmar Moreira de Souza Júnior, em sua dissertação de mestrado intitulada “Co-educação, futebol e educação física escolar” realizada no ano de 2003, afirma que o corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino, resultando em uma diferenciação motora entre meninos e meninas que se constrói culturalmente e, portanto, não ocorre de maneira natural e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Para Louro:

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura (LOURO, 2000, p.6).

Costa e Silva (2002, pg.43) apontam que de maneira geral, as meninas e os meninos “escolarizados” receberam educação diferenciada, conseqüência dos diferentes papéis que eram requisitados para os mesmos, ou seja, para as meninas serem boas esposas e mães, e para os meninos bastava serem bons trabalhadores para sustentar a casa.

Goellner (2010) contribui dizendo que o gênero não é algo dado, mas construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, ou seja, o corpo é generificado.

Sousa e Altmann (1999, p. 64) relatam que a cultura tem tanto significado que, por exemplo, a televisão, os quadrinhos, as falas e atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão cheios de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura.

Assim, percebe-se que apesar dos inúmeros avanços e transformações pelas quais a sociedade vem passando nas últimas décadas, as relações entre mulheres e homens mantêm uma grande assimetria. Essa diferença se manifesta também no interior da escola.

Grande parte das escolas, ainda separa os alunos por sexo, para as aulas de Educação Física. Estélio contribui dizendo que:

“Nota se ainda que algumas escolas que separam os alunos por sexo para as aulas de Educação Física o fazem, muitas vezes, com o intuito de não despertar nos mesmos conflitos e dúvidas a respeito de sua sexualidade” (ESTÉLIO, 2005).

Nesse sentido, Louro (2010) ainda diz que a escola se faz diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas, delimitando espaços, afirmando o que cada um pode, ou não pode fazer, ela separa e institui.

Goellner (2001) afirma que não é apenas o sexo biológico que estabelece diferenças entre homens e mulheres, mas também, aspectos sociais, históricos e culturais.

A mesma autora, relata ainda que o corpo é histórico, ou seja, mais do que um dado natural, ele é uma construção sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.(2003), afirmando que

os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a classes sociais distintas, mas sobretudo, porque são produzidos a partir de outros marcadores identitários, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, entre outros” (GOELLNER, 2010, p.72).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A orientação sexual, por exemplo, tem se destacado em nossa cultura como um marcador identitário sobre o qual incidem muitos preconceitos. Esses tipos de preconceitos fazem com que a violência seja vivenciada de forma mais intensa na sociedade contemporânea. Sabendo disso, entendemos que o corpo não deve ser apenas um objeto inscrito na categoria do jurídico, isto é, estar sempre sendo julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, magro ou gordo, feminino ou masculino, preto ou branco, sensual ou impotente, novo ou velho, rico ou pobre e a partir daí ser discriminado, onde tais comportamentos poderão induzir a sociedade a reproduzir preconceitos e incentivar atos violentos.

Oliveira e Martins (2007, p. 95), enfatizam que a violência é fruto de diversos fatores, tais como a profunda desigualdade entre as classes sociais, a imposição de regras coletivas, a repetição dos modelos que os alunos vivenciam em seus lares, porém a violência que estamos vivenciando se apresenta de maneira mais intensa.

Segundo Sposito (2001 apud OLIVEIRA E MARTINS, 2007), na década de 1980 eram mais comuns atos de vandalismo, a violência contra o patrimônio, com as depredações e invasões dos prédios escolares. Na década de 1990, ganham destaque as agressões interpessoais, principalmente, entre os alunos. Essas agressões antes provocadas somente ao patrimônio escolar, ganham destaque na atualidade e recebem o nome de *Bullying*. São um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas como, por exemplo implicância, discriminação e agressões verbais e físicas que segundo a cartilha elaborada em 2010 pelo Conselho Nacional de Justiça de combate ao *Bullying* nas escolas, é um termo utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticado tanto por meninos, quanto por meninas.

Na reportagem publicada em uma revista de circulação nacional¹, tratando do tema comportamento, Aramis Lopes Neto², chama a atenção para o fato de que há sempre três personagens fundamentais nesse tipo de violência: o agressor, a vítima e a plateia. E para ser alvo de *Bullying*, basta sair um pouco do padrão (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado e ser considerado uma vítima em potencial.

O estudo tem como objetivo analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre os meninos e entre as meninas no Ensino Fundamental em uma escola de periferia na cidade de Santa Maria-RS.

Justifica-se o estudo, pois entendemos que as relações de gênero estão enraizadas pelas relações de poder que podem ser desiguais para homens e mulheres e que nos possibilitam discutir, por exemplo, o *Bullying* nos espaços escolares, visto que é na escola que meninos e meninas começam a contruir suas relações sociais, e a enfrentar o mundo. Na organização da escola, nota-se que faltam meios de reflexão e enfrentamento do *Bullying* e de temas pertinentes que tratam de corpo, gênero e sexualidade, mas que aos poucos está mudando. De acordo com Bandeira (2009),

1 Revista “DE QUEM EDUCA/ NOVA ESCOLA que abordou o tema Comportamento em junho de 2010.

2 Arames Lopes Neto - Especialista em Bullying e autor do livro “Diga não ao Bullying”.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

foi verificado um aumento no número de pesquisas abordando o Bullying, onde entre o ano de 2001 e 2008 foi encontrado um total de 592 publicações, contra 124 entre o ano de 1968 e 2000.

Além disso, nos últimos meses aumentou a incidência de casos de bullying onde aparecem brigas entre alunos iniciadas dentro da escola. Trago como exemplo, uma reportagem divulgada em 20 de março de 2012 na internet, onde um estudante de 15 anos de uma escola estadual de Santo Ângelo foi agredido por um colega de turma por assumir sua orientação sexual. Atualmente vídeos tem sido divulgados na internet, onde as imagens mostram brigas dentro de escolas provocadas tanto por meninos quanto por meninas. Nesses vídeos, podemos comprovar que as meninas estão assumindo se como agressoras, o que antes não era visto com tanta frequência. O que sabemos é que o Bullying se caracteriza, pela repetição, pelo prejuízo causado ao outro e pela desigualdade de poder. No exemplo da agressão ocorrida em Santo Ângelo, o menino agressor foi suspenso e encaminhado a atividades pedagógicas, para que faça uma reflexão sobre a agressão que cometeu e a vítima trocou de escola. Outro caso, que chamou a atenção nos últimos meses, foi o de uma menina vítima de estupro em uma sala de aula de uma escola Estadual de São Paulo, onde a vítima foi abordada por quatro colegas e pelos demais que presenciaram a violência. Por isso se faz necessário esse estudo para que situações como essa não se repitam, onde as vítimas trocam de escola, deixando o problema da agressão para trás e a escola onde a agressão ocorreu passa a entender como um problema resolvido.

OBJETIVOS

O estudo tem como objetivo analisar as interfaces entre o bullying e as relações de gênero no contexto escolar, identificando essa manifestação entre os meninos e entre as meninas no Ensino Fundamental em uma escola de periferia na cidade de Santa Maria.

METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa descritiva que tem como finalidade conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir, observando, registrando e analisando os fatos. A pesquisa é classificada na modalidade quali-quantitativa, ou seja, ela mistura o aspecto qualitativo e o quantitativo a fim de abordar o tema violência, que na sociedade contemporânea não é considerado um tema novo, mas sim um tema que ganhou maior visibilidade nos últimos anos.

Ensslin e Vianna (2008) contemplam que a abordagem quali-quantitativa não é oposta ou contraditória em relação à pesquisa quantitativa, ou a pesquisa qualitativa, mas de necessária predominância ao se considerar a relação dinâmica entre o mundo real, os sujeitos e a pesquisa. De acordo com essa ideia, Minayo e Sanches (1993), destacam que o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa.

A população caracteriza-se por crianças de ambos os sexos, das turmas de 4º a 8º série, ou seja, estudantes do Ensino Fundamental em uma escola da rede Estadual na cidade de Santa Maria - RS. Totalizaram 95 crianças que aceitaram participar do estudo através do TCLE. Dessas 95 crianças e



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

adolescentes selecionadas a partir do (TCLE), 49 são meninas e 46 são meninos e a idade varia entre 10 e 16 anos.

Em um primeiro momento foram realizadas observações semanais, onde totalizaram 8 encontros, referentes a observações durante o recreio. Referente as observações no recreio, busquei sempre observar o “antes, o durante, e o depois” desse momento, para procurar entender como se manifestavam as relações entre todos/as que utilizavam aquele espaço. Essas observações e conversas informais com alguns alunos foram registradas em diário de campo para possibilitar uma análise mais detalhada das ações que iam acontecendo nos espaços da escola. No segundo momento tive a oportunidade de ministrar uma palestra sobre o Bullying com o intuito de verificar se eles/elas teriam possibilidade de responder ao questionário, já que se trata de turmas do Ensino Fundamental, de 4ª a 8ª. A palestra então foi apresentada a todas as turmas do turno da manhã e posteriormente, iniciei o terceiro momento, ou seja, a aplicação do questionário (VIOLÊNCIA ENTRE PARES), o qual foi aferido ao contexto educacional português no ano de 2006, sendo, portanto, adaptado para este estudo. Segundo Cervo e Bervian (2002, p.48), “questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”. Dessa forma, justificou a realização do questionário.

O instrumento de coleta nos permitiu caracterizar os alunos/as que são agressores e aqueles/as que são vítimas e os expectadores/as que presenciam as situações de Bullying nas dependências da escola. Foi possível ainda, verificar os espaços onde essas agressões ocorrem, além de destacar como os alunos reconhecem e interpretam a violência na escola, ou seja, se conhecem a expressão “Bullying”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstraram que o Bullying se destaca principalmente através de agressão verbal, sendo o recreio o local determinante para que estes atos de violência se propaguem. De acordo com as vítimas, os agressores são em sua maioria do sexo masculino, mais velhos e da mesma turma, costumam agir sozinhos. Os expectadores também presenciaram as agressões no recreio por agressores que agiram sozinhos. Já os agressores afirmaram agredir em sala de aula, onde os agredidos também são do sexo masculino. Desse modo o estudo revelou que os meninos apresentam-se como principais protagonistas do Bullying, seja como vítima, expectador ou agressor. Apesar disso, não se pode negligenciar a atuação das meninas, já que elas não deixam de praticá-lo, porém o fazem de maneira mais discreta e despercebida aos olhos dos outros.

A pesquisadora Ileana Wenez (2007) aponta que tanto na escola, quanto no recreio, as crianças não são tão livres. Ela ainda afirma que as crianças não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam o que nos permite entender esse resultado expressivo.

De acordo com as observações realizadas na escola durante o recreio e dos discursos de alguns alunos sobre o tema, o recreio é o espaço onde todos os alunos se encontram, ou seja, prevalece o maior numero de alunos enquanto que diminui a presença de adultos por perto para supervisionar, já que como relataram alguns alunos é o momento de pausa das atividades para os



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

professores que se isolam em salas fechadas durante esse momento de intervalo. Os poucos adultos que aparecem para supervisionar esse momento nada fazem quando percebem o ato de violência, como relataram as vítimas, mesmo sabendo que em sua maioria, os agressores/as agem sozinhos/as. Arames Lopes Neto (2005), especialista em Bullying, diz que entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre os sexos. Andrade (2007, pg.20) sintetiza como em nosso estudo, que os meninos com uma frequência muito maior, estão mais envolvidos com o Bullying, tanto como autores quanto como alvos, diferente das meninas que mesmo em menor frequência, o Bullying também ocorre e se caracteriza principalmente como prática de exclusão e difamação.

Identificou-se que os agressores/as são principalmente do sexo masculino, assim como são mais velhos. Da mesma forma que relata Luciana Pavan (2007) em seu projeto de pesquisa intitulado “*O papel do Professor diante do Bullying em sala de aula*” onde ela afirma que entre os agressores existe um predomínio masculino. De acordo com Abramovay, Cunha e Calaf (2009), isso ocorre porque mostrar-se forte e potente tem sido um elemento bastante valorizado para o masculino, já que simboliza a virilidade e macheza do aluno. A violência quando relacionada principalmente aos meninos apenas representa essa necessidade que os meninos tem de reforçar essa imagem viril naturalizada para eles.

CONCLUSÃO

O Bullying é um comportamento atual de alunos e alunas que atinge todas as classes sociais e escolas, sendo essas públicas ou particulares. Os resultados desta pesquisa, mostraram que o sexo masculino se sobressai diante do sexo feminino, na maioria das práticas de Bullying. Isso significa que, os meninos se destacam como agressores e como vítimas. Contudo, não podemos esquecer que o comportamento agressivo dos jovens também se perpetua entre as meninas, porém de uma forma mais discreta.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNIOR, O. M. S. **Co-educação, futebol e educação física escolar**. Sao Paulo, Rio Claro, 2003.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. In: Cadernos de Formação RBCE, P.71-83, março de 2010.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L; NECKEL, J.F; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, agosto de 1999 (p. 52-68).

OLIVEIRA, E.C. S; MARTINS, S.T.F. **Violência, sociedade e escola: da recusa do dialogo à falência da palavra**. Psicologia e Sociedade; 19(1): 90-98, janeiro/abril de 2007.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

REVISTA NOVA ESCOLA - A REVISTA DE QUEM EDUCA. Ano XXV n. 233, São Paulo: Abr./Jun./Jul. 2010.



Anais do VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte
Rio Grande – 13 a 15 de setembro de 2012

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
www.cbce.org.br – contato@cbce.org.br

Disponível em:
<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/6csbce/sul2012/trackDirector/index/submissionsAccepted>

ISSN: 2179-8133